

SIMPÓSIO AT119

O ENSINO DE LITERATURA E A PRODUÇÃO TEXTUAL: PENSANDO AS QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NA ESCOLA

CERILLO, Joyce Rangel
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Joyce_lr@hotmail.com

COSTA, Eliane Gonçalves da
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
elianecoordena@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca investigar o ensino de literatura no Ensino Médio pensando as questões de gênero e raça e as interseccionalidades que foram constituídas a partir da aprovação de uma política contemporânea de Ensino de Língua Portuguesa. A literatura como forma de instrução e educação possibilita a formação de cidadãos conscientes e humanizados. Contudo, fez-se necessário trazer as questões referentes à trajetória das mulheres escritoras marginalizadas pela sociedade. Mulheres escritoras foram vistas como marginalizadas, tendo em vista que desde os períodos históricos não podiam fazer parte de qualquer espaço literário, sendo assim, os homens idealizaram suas literaturas canônicas. Buscando trabalhar com essas questões, realizamos oficinas literárias com alunos do 2º ano do Ensino Médio em uma Escola Estadual em Conceição da Barra, onde analisaremos obras de duas escritoras capixabas, "Água Salobra", de Bernadette Lyra e "Contos de Vista", de Elisa Lucinda. A pesquisa se dará por meio da metodologia de pesquisa participante, de cunho qualitativo. Desenvolveremos oficinas de leitura literária de escrita criativa em uma Escola Estadual de Ensino Médio em Conceição da Barra/ES, nas quais os alunos produzirão contos com base nos conhecimentos adquiridos nas oficinas a respeito da literatura feminina, questões de raça, questões da memória.

Palavras-Chave: Literatura feminina. Gênero. Raça. Produção de texto.

Abstract: This research seeks to investigate the teaching of Literature in High School thinking about the issues of gender and race and the intersectionalities that were constituted from the approval of a contemporary policy of Teaching Portuguese Language. Literature as a form of education and education enables the formation of conscious and humanized citizens. However, it was necessary to bring up the issues concerning the trajectory of women writers marginalized by society. Women writers were seen as marginalized, since since the historical periods they could not be part of any literary space, thus, the men idealized their canonical literatures. Seeking to work on these issues, we conducted literary workshops with students in the 2nd year of High School in a State School in Conceição da Barra, where we will analyze works by two Capixabas writers, "Água Salobra" by Bernadette Lyra and "Contos de Vista" by Elisa Lucinda. The research will be done through the participant research methodology, of a qualitative nature. We will develop literary reading workshops in creative writing at a State High School in Conceição da Barra / ES, in which students will produce stories based on the knowledge acquired in the workshops regarding female literature, issues of race, memory issues.

Keywords: Female Literature. Genre. Breed. Production of text.

Introdução

A literatura é indispensável para a formação do ser humano, dessa forma pode e deve ser considerada um direito humano. Porém, para tratarmos da literatura como direito humano, devemos reconhecer que o que consideramos indispensável para nós, também é indispensável para o próximo. Essa relação, para Cândido (1995) é definida como humanização. Essa humanização, portanto, ocorre ao passo que o sujeito compreende que o que é indispensável para a sua vida também o é para o outro.

O indispensável para Cândido vai além dos bens essenciais como alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual. Portanto, o direito à leitura, ouvir músicas, também devem ser considerados indispensáveis para o ser humano, pois mantém o equilíbrio necessário para a vida. Dessa forma, a literatura é um bem incompressível que coopera com a integridade espiritual.

Sobre esse viés, a literatura é vista como manifestação universal dos homens em todos os tempos. Logo, não há povo e não há homem que possa viver sem ela, ou seja, “sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. (CÂNDIDO, 1995). Essa fabulação é entendida como a invenção do nosso mundo, do nosso existir. Assim, essa invenção, ou essa fantasia, nos auxilia a compreendermos a nós mesmos.

Para Cândido, a literatura tem papel formador de personalidade e de instrução na educação, dessa forma Antônio Cândido (1995), afirma que:

“Nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta para cada um como equipamento intelectual e afetivo [...]. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo as possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante”. (CÂNDIDO, 1995, p.175).

A literatura como forma de instrução e educação coopera na formação de cidadãos conscientes e humanizados, resultando em uma sociedade que valoriza os sujeitos. Cândido (1995) defende ainda que no espaço escolar a

literatura pode gerar conflitos, uma vez, que seu efeito transcende as normas estabelecidas.

A literatura durante muito tempo foi um espaço reservado somente para homens, prioritariamente brancos, de classe média. Dessa forma, as mulheres não tinham acesso ao estudo, a livros, sendo destinadas a se dedicarem somente aos serviços domiciliares.

Constitui-se assim a literatura canônica, sendo somente esta valorizada e vista como qualificada pela sociedade. Com isso, a literatura que não pertencia ao cânone era vista como uma literatura marginalizada, desconhecida por muitos.

Entende-se que a literatura marginal está relacionada com o sentido de uma minoria, subalterna, as quais estão em oposição aos artifícios canônicos, que permeiam a classe dominante. Dessa forma, a literatura considerada marginal é aquela produzida por negros, mulheres, e mulheres negras.

A literatura escrita por mulheres negras e não negras, transformou-se em possibilidade de afirmação desse grupo e de se tornarem sujeitos do discurso. Confinadas ao lar, aos afazeres domésticos e à criação dos filhos, sendo impedidas à educação formal, as possibilidades de produzirem seus textos eram precárias.

Podemos nos indagar sobre qual literatura tem-se falado no espaço escolar, visto que, muitos professores seguem somente os índices do livro didático, o qual possui somente fragmentos da literatura canônica, especificamente.

“A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sagração ou pela desqualificação de obras e de autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária”. (LAJOLO, 2001, p.19).

Os currículos escolares ainda enfatizam e valorizam as artes canônicas, sendo refletidas nos livros didáticos e nas aulas, principalmente de Língua Portuguesa. Os professores, sugerem e escolhem os textos a serem trabalhados

com os alunos, selecionado entre os textos canônicos. Dessa forma as obras canônicas têm sido reproduzidas e reafirmadas nos contextos escolares.

Buscando tratar das questões expostas, iremos analisar neste estudo obras de duas mulheres escritoras capixabas: Bernadette Lyra e Elisa Lucinda, por meio dos livros *Água Salobra* (2017), da escritora Bernadette Lyra e *Contos de Vista* (2004), de Elisa Lucinda. A escolha das obras e das autoras deu-se devido ao fato de ambas não pertencerem ao cânone, serem capixabas, e representarem as questões de gênero e raça em suas escritas, principalmente Elisa Lucinda, a qual tem vários escritos em que discute as questões e inquietações sobre as implicações da mulher negra na sociedade.

Por meio da metodologia de pesquisa participante, de cunho qualitativo com ênfase nas obras literárias de autoria feminina *Água Salobra* (2005) de Bernadette Lyra e *Contos de Vista* (2017) de Elisa Lucinda, pretende-se identificar as representações contemporâneas sobre o feminino, espaços sociais, identidades e questões sobre raça no contexto escolar.

“Na pesquisa participante sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas para resolverem alguns problemas locais restritos e isolados, ainda que o propósito mais imediato da ação social associada à pesquisa participante seja local e específico. A ideia de que somente se conhece o que se transforma é inúmeras vezes evocada até hoje.” (BRANDÃO, 2007, p.7)

Esse método de pesquisa leva em consideração o conhecimento para formar pessoas que sejam motivadas a transformar e não apenas resolver os problemas de pesquisa.

1 Gênero e Raça em diálogo na escola

A mulher, no decorrer da história, foi o ser excluído dos aspectos sociais, por não ter o direito de votar, não poder trabalhar fora de casa, e também excluída do âmbito da literatura. O espaço da escrita literária estava destinado aos homens, pertencentes ao cânone literário. As mulheres que quiseram ter

acesso à escrita literária, realizavam tal ato disfarçadamente através de pseudônimos masculinos.

Desse modo, a literatura não era disponibilizada a todos e nem era vista como uma atividade humana, mas era um meio de determinar a diferença entre ser homem e ser mulher na sociedade. A invisibilidade das mulheres no campo literário se dava decorrente as ideologias patriarcais recorrentes na sociedade, onde prevalecia o discurso masculino.

Segundo Regina Delcastagné (2011), “a literatura brasileira é um território contestado”, pois muitos autores e autoras buscam a possibilidade de falar, de ter voz e vez no cenário literário, estão em busca de espaço e poder. Essa vontade de que suas (novas) vozes sejam escutadas e seus espaços alcançados, causam desconforto, pois novos pensares, novos enquadramentos podem surgir no espaço literário. A autora defende que:

“É difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas que podem parecer apaziguados, mas que revelam em toda a sua extensão cada vez que algo sai de seu lugar. Isso porque todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa. Daí o estabelecimento de hierarquias, às vezes tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping, quem escreve literatura, quem deve se contentar em fazer testemunho. (DELCASTAGNÉ, 2011).

Se todo espaço é um espaço em disputa quer dizer que para alcançá-lo não é um caminho fácil a ser percorrido, pois os que tentam ingressar nestes espaços podem viver conflitos e tensões entre os que “não estão dispostos a ficar em seu ‘devido lugar’ e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado.” (DELCASTAGNÉ, 2011).

Em uma pesquisa realizada em São Paulo por Regina Delcastagné, observamos que a presença de mulheres no campo literário tem um número significativamente menor comparado ao número de homens e dentre 29 autores homens apenas uma mulher recebeu o prêmio São Paulo de Literatura. Vale enfatizar também a presença mínima de homens negros nos espaços literários.

“Só para citar alguns números em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal, Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon),

entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (1990 a 2004) 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção do discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DELCASTAGNÉ, 2011).

As representações femininas na nossa sociedade e no campo literário tem adentrado no mundo acadêmico, mas ainda é um tema pouco estudado e pouco discutido. Contudo, as mulheres têm buscado o seu espaço e seu lugar de fala, mesmo em meio a uma literatura marcada pelo machismo e estereótipos. Segundo Delcastagnè (2015, p.41) “é preciso um esforço considerável para se encontrar em meio a uma literatura tão marcadamente de classe média, branca e masculina como a brasileira”.

Ter acesso à literatura de escritoras negras é uma forma de compreender o sentido de alteridade, de ampliar nossa forma de ver e pensar o mundo, afastando nossos ideais e ideais racistas e machistas a respeito da literatura “marginalizada”. Portanto, hoje podemos ter acesso a uma literatura que nos mostra as histórias, realidades e experiências vividas por mulheres negras. É imperativo, romper com o cânone literário instituído, a começar pela sala de aula, possibilitando assim a abertura de novas vozes, novos modos de ver e escrever o mundo.

2. A proposta de Produção de texto

A literatura, quando trabalhada em sala de aula, tem um enfoque nos textos canônicos, estigmatizados, constituídos por homens, elitizados, brancos, além disso o currículo é composto pelos artefatos canônicos, repercutindo nos livros didáticos as obras (fragmentadas) canônicas, sendo evitada qualquer obra de escritoras marginalizados, isto é, escritoras mulheres e negras. “A literatura não pode ser reduzida ao sistema canônico”. (COSSON, p.47).

Por tais questões, e a partir das discussões realizadas a respeito da literatura e seus desdobramentos, buscaremos realizar uma Oficina Literária de Escrita Criativa que aborde todas as questões a respeito do cânone literário e da literatura feminina capixaba, especificamente, com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, em Conceição da Barra/ES.

Entendemos a importância da oficina literária, visto que por meio dela o aluno pode explanar seus pensamentos por meio da prática da escrita, dessa forma, Cosson (2014) afirma que a técnica da oficina está baseada na ideia do aprender a fazer fazendo, portanto ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento”.

Para as oficinas de Leitura Literária e Escrita Criativa, utilizaremos duas escritoras mulheres capixabas como representatividade de gênero e raça, como também a questão de territorialidade.

O livro “Água Salobra” (2017), de Bernadette Lyra, foi escolhido, visto que a autora dedicou esta obra inteira para expressar o seu amor e saudade diária de Conceição da Barra, cidade esta que faz seu coração transbordar de alegria por ter nascido e crescido nesse lugar tão ímpar e amado. Nesse livro são detalhadas as memórias da autora, dos momentos de infância que passou na cidade, bem como relata como se descobriu escritora.

Escolhemos a obra “Contos de Vista”, de Elisa Lucinda, a qual destaca também suas memórias de vida, baseados tanto em fatos reais como em ficção, como a própria autora diz “de tanto reparar nas tardes, pessoas, dramas e tramas, nasceram essas histórias escritas em datas diversas durante essas duas décadas em que venho gestando despreziosamente esta versão de agora” (Lucinda, 2004, p.16)

Pretendemos, portanto, trabalhar com os contos de Bernadette Lyra e Elisa Lucinda, buscando identificar a relação da escrita das duas escritoras que representam o gênero por serem mulheres, escritoras, e a raça por termos de um lado uma escritora que nasceu no norte do estado, em uma família estruturada, de classe média e de outro uma escritora que nasceu na periferia do estado, pertencente a uma família de classe baixa. Com isso, identificaremos

como a escrita dessas autoras afetam os alunos por meio de suas temáticas, por meio de suas falas sobre si e sobre o mundo.

Considerações Finais

Pelo exposto, observamos a importância de dar lugar às contribuições contidas pelos textos subalternos de autoria feminina, e autoria feminina negra, como também a necessidade de inserir nos contextos escolares, os nomes das escritoras “esquecidas” ou não reconhecidas, contribuindo na explanação dessas vozes femininas.

Abordar a literatura de autoria feminina, estigmatizada por um cânone literário, etnocêntrico, patriarcal e falocêntrico, nas aulas de literatura é possibilitar que o espaço escolar se constituía de discussões reflexivas, construtivas a respeito da história da mulher e de suas conquistas.

Nesse sentido, todas as discussões de gênero, raça incutidas também nas discussões da literatura feminina não canônica, tornam-se de extrema importância para se pensar as relações sociais na nossa sociedade como são estabelecidas as relações de poder. E nesse viés, podemos pensar o papel da escola como espaço de transformação dessa sociedade, pois é nesse espaço que o aluno se constitui como sujeito. Destarte, “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.” (HOOKS, 2013, p.25).

Referências

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In Vários Escritos, São Paulo: Duas cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed.- São Paulo: Contexto, 2014.

DELCASTAGNÈ, Regina. **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015. 288p.

HOCKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Wmf Martinsfontes. São Paulo, 2013.

LUCINDA, Elisa. **Contos de Vista**. São Paulo: Global, 2004.

LYRA, Bernadette. **Água Salobra**. Vitória/ES. Cousa, 2017. 90p.